

À Bahia

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrada,
A mim foi-me trocando e tem trocado
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fôra de algodão o teu capote.

(Gregório de Matos, 1636 – 1697)

**

Formoso Tejo meu

Fermoso Tejo meu, quão diferente

Te vejo e vi, me vês agora e viste:

Turvo te vejo a ti, tu a mim triste

Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente

A quem teu largo campo não resiste:

A mim trocou-me a vista em que consiste

O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,

Sejamo-lo no bem. Oh! quem me dera

Que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera:

Tu tornarás a ser quem eras de antes,

Eu não sei se serei quem de antes era.

(Francisco Rodrigues Lobo, 580, em Leiria, Portugal – 1622, afogado no rio Tejo)

**

TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte

se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Ferreira Gullar (1930 – 2016)

**

Luís Vaz de Camões (1524 – 79)

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

**

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem por a areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O noturno silêncio repousado...

O Pescador Aónio, que, deitado
Onde co'o vento a água se meneia,

Chorando o nome amado em vão nomeia,

Que não pode ser mais que nomeado:

Ondas, (dizia) antes que Amor me mate,

Tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo

Me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém responde; o mar de longe bate;

Move-se brandamente o arvoredado;

Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.